

# Archivo Contemporaneo

## ILLUSTRADO

Redactor-Chefe  
CASTRO SOROMENHO

Revista Quinzenal

Secretario da redacção  
JULIO BARJONA

ADMINISTRADOR: ALFREDO B. MARQUES DE LEÃO

Publica biographias, retratos, illustrações, chronicas, poesias, romances, contos, charadas, coisas do sport, criticas mundanas, informações de toda a ordem, receitas, artigos politicos, annuncios, reclames, estatisticas de estabelecimentos commerciaes, industriaes e agricolas, communicados, anedoctas, pilberias, logographos, chronicas sobre todos os theatros, sciencias, litteratura e artes, etc., etc.

Côrte: Redacção e administração RUA DO CARMO, 65.

### BIOGRAPHIAS

#### ROBERTO KINSMAN BENJAMIN

Honra o nosso numero de hoje o retrato do cavalheiro Roberto Kinsman Benjamin, actual director da Companhia New-York Life Insurance Company.

A importancia de um homem deve ser julgada pela influencia, util ou prejudicial que elle pode exercer em qualquer ramo especial da actividade humana sobre o espirito da sociedade em que vive. Si esse homem reunir em si qualidades sufficientes para constituir-se director dos sentimentos e pensamentos dos seus concidadãos, se contribuir com a sua influencia para a felicidade da sociedade, com a saber, com a arte para a felicidade e progresso de um povo, si conseguir alcançar por esses meios moraes uma collocação elevada no meio em que desenvolve a sua força, esse homem merece incontestavelmente que o seu nome seja arrancado no ovido em que a indifferença o pôde sepultar, e posto nem evidencia, entre os grandes, para estímulos e perpetuo exemplo da posteridade.

Si a musica constituis um poderoso elemento de educação e progresso populares, cremos que ninguém porá em duvida que é um simples acto de justiça essa manifestação de apreço a um homem que tem influenciado sobre esta sociedade ao ponto de provocar um grande movimento artistico como elevado meio de engrandecimento moral.

Para comprehendê-lo bastaria recordar o ponto em que se achava o gosto musical do publico do Rio de Janeiro nove annos atraz e comparal-o com o seu estado actual.

Por ahí si poderá apreciar em sua justa importancia o trabalho extraordinario realizado pelo cavalheiro Roberto Benjamin no mundo artistico desjá capital.

Poucos teriam tido a audácia de manifestar então abertamente a sua admiração pela mu-

sica seria. N'aquelle tempo musica classica era o mesmo que um narcotico e a execução de composições de estylo achava-se restricta entre uns poucos artistas e algumas familias allemãs, estas ultimas fieis ás suas tradições e reaciosas de perder as reminiscencias de seu paiz natal, abandonando o culto das obras dos grandes maestros que foram a sua gloria. N'aquelle época ouvia-se quando muito Offenbach, Verdi ou Donizetti e era creença inquebrantavel da maioria do povo que não havia boa musica fóra da ópera e que unicamente essa podia ser apre-

Houve a principio, da parte de alguns atrazados na arte, a tentativa de metter a ridiculo o projecto, sobretudo quando foram publicados os estatutos da nova sociedade prohibindo a presença de senhoras nos concertos, excepto nos grandes concertos publicos annuaes que teriam lugar em local diverso.

Apesar disso a tenacidade indomavel do Roberto Benjamin, a acertada eleição dos professores chamados para interpretar as obras dos mestres antigos e modernos, e sobretudo os excellentes programas preparados com o maior cuidado e attenção, fazendo conhecer primeiro as obras de comprehensão mais facil aos acostumados á audição de musica de caracter differente ou trivial, conseguiram despertar a sympathia do publico, que por sua parte, é dever confessal-o, mostrou muito boa vontade e em menos de um anno de existencia o Club Beethoven conseguiu...

Em 12 de Outubro de 1888, dez mezes depois de sua fundação, o club foi apresentado ao publico por meio de um esplendido concerto publico realizado no salão do Cassino Fluminense.

Este primeiro festival, como os quatro subsequentes de igual natureza foram projectados e realizados sob a direcção do talentoso cavalheiro Roberto Kinsman, que redigiu por essa occasião um programma analytico que contribuiu em grande parte para o exito e esplendor do concerto, facilitando ao auditorio a comprehensão das peças musicas executadas.

(Continua.)

#### DR. LUTZ DELFINO

(Conclusão)

Poeta illustre e clinico distinto, o Dr. Luiz Delfino dos Santos conseguiu fazer, com um numero limitado de produções poeticas, um nome já celebre, para sempre ligado á historia da litteratura brazileira, e firmar com os seus muitos annos de clinica, uma reputação medica das mais respeitaveis.



ROBERTO KINSMAN BENJAMIN

ciada. A noticia da fundação do Club Beethoven estalou como u'a bomba nos circulos do pequeno mundo artistico do Rio de Janeiro.

ligado á historia da litteratura brazileira, e firmar com os seus muitos annos de clinica, uma reputação medica das mais respeitaveis.



Brazileiro de nascimento, viu a luz no Desterro, capital da provincia de Santa Catharina, filho de Thomaz dos Santos, natural de Alcobaça, em Portugal, e de D. Belina Victorina dos Santos, da cidade do Desterro.

Seus avós paternos foram Alexandre dos Santos Ferreira Lobo e D. Joanna Lobo, portuguezes lavradores, que possuíam terras perto de Alcobaça, maltratados e perseguidos durante a invasão franceza de Napoleão I. Seus avós maternos foram Victorino José dos Santos e D. Victorina José dos Santos, todos plebeus.

Laços de parentesco prendem de perto o Dr. Luiz Delino ao Sr. Bispo de Vizeu — D. Francisco Alexandre Lobo, que foi homem de grandes merecimentos litterarios.

A 20 de Novembro de 1857 recebeu o Dr. Luiz Delino o grau de doutor em medicina na Faculdade do Rio de Janeiro.

Nessa occasião foi o illustre poeta encarregado por seus collegas de responder a um discurso do director da Escola, ao que accedeu pronunciando um brilhante improviso em que deixou patente as suas qualidades oratorias e poderosa imaginação creadora. Foram seus companheiros de grau os Drs. João José da Silva e Souza Costa mais tarde lentes da Escola e hoje fallecidos, e o actual Vice-director da Faculdade o Sr. Visconde de Alvaranga.

O Dr. Luiz Delino nunca exerceu nem um cargo publico, atarefado na sua vida laboriosa de medico trabalhador.

A these elaborada pelo doutor por occasião da sua formatura é um documento importante do seu talento e do estudo longo da sciencia de Esculapio a que elle se entregou durante o tempo em que frequentou os bancos academicos.

Por todo o Brazil correm esparços na imprensa as suas produções poeticas, infelizmente um pequeno numero, devido á usura com que elle guarda os seus thesours litterarios, mas bastante valiosos para que, reproduzidas sempre, com applausos, lhe tenham dado uma celebridade merecida e o titulo honroso de primeiro poeta brasileiro destes tempos.

O Dr. Luiz Delino não possui nem uma graça do governo deste paliz, elle que tem todos os titulos maiores, que pode aspirar um homem trabalhador e de extraordinario talento. Uma commenda qualquer viria empastellar o nome do Dr. Luiz Delino, nestes tempos em que as commendas chegaram ás tristes condições de serem vendidas a dinheiro para coroar peccunhos fracos de mais para conquistarem pelo seu esforço qualquer distincção nobilitaria.

Casando com a Exma. Srta. D. Maria Carolina Garcia o Dr. Luiz Delino fez-se pai de numerosa familia. Para o bem estar e educação esmeradissima de todos os seus filhos, elle tem feito convergir todos os esforços da sua larga actividade intelligente.

Si a notabilidade medica do Dr. Delino é extraordinaria mais extraordinario ainda é o seu nome de poeta.

Só se póde aquilatar do merito de um artista pelas suas produções trazidas a lume. E o Dr. Luiz Delino, embora tendo produzido muito, tem publicado pouco para poder gozar da popularidade, que o honra.

Mas é d'aqui justamente que se realça a prova do seu valor. As suas produções conhecidas são de uma qualidade tão excellente, que, apesar do seu numero diminuto, tiveram força bastante para levantar em seu favor, ebría de enthusiasmo, a opinião que o sagrou o primeiro artista do verso destes tempos litterarios do Brazil.

Com grande razão e grande superioridade de espirito o Dr. Luiz Delino diz de si, (facto que já foi sentido pelo Dr. Sylvia Romero), o mesmo que Jules Lamaitre escreveu sobre José Maria Heredia: — *Un povero huomo qui est à la fois presque inedit et presque célèbre.*

Terminando aqui esta ligeira noticia sobre o illustre cidadão, que tão elevadamente honra o seu paliz, fechamo-la com a chave de ouro de um dos seus admiraveis sonetos:

#### IN HER BOOK

Elle andou por aqui: andou. Primeiro,  
Porque hu traço de suas mãos: segundo,  
Porque ninguem, como ella, tem no mundo  
Este exquisito, esta suave cheiro.

Livro, de beijos meus tem rosto inuado,  
Porque dormiste sob o travassoiro,  
Em que ella fozme o seu dormir, ligeiro  
Como um somno de estrella em céu profundo.

Trouxeste della o olor de uma caçoula,  
A luz que canta, a mansidão da rola  
E este estranho mexer de ethereos ninhos;

Ranços de axax, améras dos silvados,  
Procurens d'arua, membras e arvoredos  
Dando sóca aos rosas pelos curminhos...

### CHRONICA



Chronica viva, scintillante, leve, como escrevel-a sobre uma quinzena pejada de fuetos? Uma chronica deve ser como um tecido escocoz, variada na cor, no tom, saltitante de verde, tilitante e vistosa com a figura ethereal de artista de circo, que entra na arena, com um corpete encarnado, saizote de filó fluctuante, um aureo dia de ma scintillante sobre a fronte e o

seu festivo chocalhar de guizos, alegre, vivaz, estremecida ao ligeiro frisar da musica ridente.

Mas para isso é preciso côr, tons diversos, notas diversas, desencontradas, um teclado inteiro, toda uma palheta variada. A quinzena passada teve a tinta leve, o vermelhão esbatido, a nota vermelha e constante da guarda nacional, que atravessou as ruas desta capital, triumphante, com os seus kepis vistosos, com o passo marcado pela musica ritmada do assorio chocalheiro.

Esta quinzena não tem vermelho... Ah! esta quinzena... agora recordo-me... teve vermelho também, menos vivo e mais lugubre que o outro. Um da festa, outro da morte.

A imprensa commentou durante estes dias e commenta ainda o incidente do thesouro.

Chega o presidente do conselho ao thesouro e encontra-o mal guardado — o harem das Notas, a casa de Helena — a Esterlina — e o ministro, clama porque si fizeram ao estado o mesmo que a Menelau, elle não conta com o exercito para o cerco.

Resultado: Presidente furioso, Tenente Carolino preso, conselho de investigação, conselho de guerra — u'a amargura!

Aqui vai o amarello e o verde: libras amarellas, e a bilis verde dos dissabores.

Do Banco do Brazil brotam também amarguras para uns tantos e até agora ninguem sabe quem foi que fez de um... *sefenta*... Ah! é que está o crime. Alarum geral. Quem foi? Quem não foi? Prisões, interrogatorios, é, não é, uns dentro, outros na rua.

A nós parece que não anda grande crime ahí, e si há é um crime biblico. O Christo fez arto semelhante com peixes e pães e ninguem o prendeu... Como é então que...

Apeto que vão recordar-me de que também n'aquelle tempo não havia ainda a policia, nem Dr Basson, nem Leite Borges por aquelles logares.

Como aquelles povos eram felizes, meu Deus!

Aqui vai o azul: paz serena do céu azul purissimo da Jadéa melancholica.

O Padre Galdi foi posto em liberdade.

Como si inutiliza um homem innocente? Acusado violentamente por toda imprensa, preso, insultado, prova por fim a sua innocencia e volta para a vida, onde não commettera faltas, inculcado pela suspeita que sobre elle lançou a justiça...

Aqui vai a nota escura do carcere, a mancha negra da injustiça.

Entra aqui a nota vermelha.

Em plena rua do Recife, capital da provincia de Pernambuco, foi assassinado, a luz do sol, a punhalada, o inditoso moço portuguez Ricardo Guimarães, poeta entusiasta da republica, muitas vezes cantada nos seus versos, elnguida pela sua palavra de orador popular ardente.

As chuvas, a lama, os dias humidos e frios liveram a sua parte na quinzena. Felizmente voltou o sol e com elle a alegria e um ligeiro calor que começou a annunciar a volta da primavera.

Ahi fica a luz.

Tres factos merecem ainda um logar nesta chronica. A creação de dous bancos, o do *Povo* e o *Constructor*, onde a assignatura das acções foi tão disputada que muita gente preferiu sahir de la rota e esbordoad a deixar de assignar o seu quinhão, que lhes promette bom dividendo.

Si o banco der deveras os dividendos que todos esperam pode entrar aqui a pincelhada do verde claro sorridente da esperança.

Preparam-se festejos ruidosos para a chegada da marinha chilena.

O governo vai fazer cousas do arco da velha. A imprensa entendeu que devia festejar também os irmãos americanos de alem dos Andes. Reuniões e preparativos do festa.

Um viva nos chilenos! Sejam bem vindos.

Fecha esta chronica mais uma nuance do vermelho: infelizmente é sangue.

Por uma pendencia de honra bateram-se em duello dous cavalheiros da imprensa militante desta capital.

Ha um ferido. Gravemente? Levemente?

Duello singular, sem testemunhas, sem cirurgiões. Dirigin-o a praxo dentro da investidura de cavalheiros, que elles se mostraram, combatentes leaes, lavando no sangue um affronta profunda.

O que fará a policia? Processará aquelle que teve a infelicidade de ferir o outro? Mas processar porque? Onde está o delicto?

O duellista quando se vai bator, arrisca-se voluntariamente, livremente dispo da sua vida, que lhe pertence. Nunca haverá um

assassinato; o que pode haver ahí é um suicidio. E o suicidio será um crime? Será um crime depor cada um do que lhe pertence?

Si o suicidio é um crime a tentativa de suicidio deve-o ser tambem:

E porque é que policia não processou a actriz Rosina Bellegrandi?

A policia mostrou-se adiantada em philosophia moderna.

Agora, para que processar o combatente, que foi lavar a sua honra ou dar a justa reparação de uma offensa, em um duello leal e digno?

Isto de uma authoridade perseguir um homem que arrisca a vida para poder viver com honra faz crer que a poli ha prego a deshonra e o aviltamento do cidadão.

E quem resisto n'um caso destes a perguntar á authoridade:

— O que faria V. Exa. Sr. delegado, no caso de levar uma bofetada?

X.

Chronica paulista

S. Paulo, 22 de Setembro de 1889. Além da exiguidade das minhas forças, surge outro obstaculo para a realisação da árdua tarefa, que hoje vou encetar, — a indole do jornal para que escrevo.

Os periodicos politicos dão plena liberdade aos seus correspondentes. Ahí falla-se de tudo, e demais alguma coisa. Basta-lhes a politica, assumpto vastissimo que jamais se esgotará, e que todos podem tratar sem receio, porque ninguem avalia o escriptor pelos seus trabalhos desse genero, inspirados quasi sempre pela conveniencia.

A politica é uma dama enfeitada, cheia de arrebiques, e em que tudo, ou quasi tudo é postico. Se em outras eras os seus lindos olhos attrahiram sinceros adoradores, esses, curvados ao peso do cruéis desenganos, sumiram-se pela terra dentro, e ha alguns que se vexam do culto que prestaram á leveza deidade.

Hoje são bem poucos os que lhe tributam uma adoração sincera, e aquelles que lhe soffrem os desdens, que lhe affrontam os desprezos e caminham avante, não creio eu que cedam a uma fascinação irresistivel. Esse culto é uma rotina sabida de todos. A ociosidade é a mãe de todos os vicios, e é por isso que os rapazes desoccupados buscam esse passatempo que, ao passo que os diverte, lhes promete muitas vezes um futuro que não alcançarão por outra veda. E a empresa é facil.

Embuçado em uma capa de bacharel, alinhavada sabe Deus como; perfumado com uns ligeiros vapores de litteratura; apegado ao bastião do patronato, lembra-se um mancebo de empiscar o olho á politica, convencido de que a sua isenção se renderá ao merito proprio, que elle avalia generosamente, para não metter o seu credito em mãos alheias.

Quer fazer-lhe a declaração em prosa, porque a politica é anti-poetica, lança mão da penna e serve-se do jornal para cortejar a sua dama. Ella faz-se tóla, o rapaz toíma, apparecem os rivaes, ateia-se o cume, as chaminas augmentam, os sinos tocam a rebate, o nome do auzar namorado corre de boca em boca e a dama vê-se obrigada a inscrever mais um na lista dos seus pretendentes.

Dispõe-se a envil-o, concede-lhe uma entrevista, e como a conferencia tem de ser longa, offerece-lhe uma cadeira na sala do

parlamento, e ahí temos o rapaz adiantado na carreira que ha tão pouco encotára. Daqui ao Pantheon são dous passos, pouco mais ou menos.

As fraquezas do namorado, a coragem com que affronta o ridiculo, as trapaças de que se serviu, tudo bem aproveitado, dão vasto campo a outros que pretendem segair o mesmo trilho. O correspondente, obrigado simplesmente a dar noticias, dá tambem a sua ferroada, espanta os leitores com as novidades que já se lêram no artigo de fundo da vespéra, vóa como um morego pelas regiões da politica, e quando menos o pensa tem a medida cheia, e vae-se deitar á sombra dos loiros.

O *Archivo Contemporaneo* não admite estes devaneios, é muito mais exigente que o jornal politico, e mette um pobre correspondente em camisas de onze varas, de que difficilmente poderá sair.

Acolá tem entrada a descripção de um baile, o numero das contradaças que se dançaram, o traje das damas e até a cor das flores com que adornam o penteado; e é por isso que eu sei quantos vestidos e quantos posses cada uma cada uma das senhoras d'ahí da Corte, graças ao minucioso cuidado dos correspondentes!

Aqui não é loja de miudezas, e seria inconveniente misturar essas quinquilharias com os retratos e biographias de homens notaveis, com gravuras de bons artistas, com excellentes artigos litterarios e scientificos.

Que resta pois ao correspondente deste jornal?

Fallar do movimento litterario e artistico, quer o haja quer não.

Eis a difficil incumbencia, que procurarei desempenhar do melhor modo.

BENTO DE BARROS.



La señorita Amoros



vocante, gracioso o gesto.

Ella apparece e se evola o sonho! Em logar da tradicional mantilha, uma faixa rósea que encobre em parte uma casaca de seda vermelha, orlada de palhetas de ouro, scintillando charões, e, sob a faixa, fórmãs arredondadas, que têm o ousado contorno de uma estatua antiga. E não é nem o fino perfil da Diana caçadora, nem as linhas harmoniosas da Venus de Milo; é a belleza varonil de um Diocobles feminino, o torso musculoso de um Hercules Farnesio com pés pequenos. Um nariz direito; o semblante alumado por pupillas fulgurantes; uma cabelleira negra e luxidia; dous cachinhos que se encrespam em cada uma das fontes; um collo deslumbrante

provocando o beijo; tudo arrebatá neste modelo de perfeição plastica.

Com a mão direita ella prende-se á corda, que se lhe estira, e, sob a roldana que range, o olhar a segue... elevando-se, calma e graciosa, no meio dos ares... E lá no alto, sobre seu trapezio, librando-se na luz branca dos lustres, acima de uma multidão arquejante e arrebatada, ella salta, cabriola, vóa, dobra-se e afrouxa-se como uma mola... Suspensa por um pé, ao som de uma musica saltitante, ella se torce em espiraes de cobra, balança-se no espaço, levanta-se de novo numa pressão dos rins, torna a cahir encabrestando outra vez seus membros...

Depois, a um golpe, como se os braços deslocados e retorcidos lhe recusassem o seu serviço, qual estrella cahindo do céu, ella se arroja no vacuo! A rede a recebe e duas vezes a atira como uma bala!... Um grito se levanta!...

Lá está ella, em pé, risonha, na arena! E, quando o olhar ardente, incendiado o rosto, o peito opprimido arfando a intervallos, ella prodigaliza seus beijos, na sala, mais de um coração joven bate unisono com o della!

S. Paulo, Setembro de 89.

BENTO DE BARROS.



Prejudicada em os numeros anteriores pelo accumulo de materia do nosso periodico, occupamos hoje mais demoradamente da vida theatral fluminense.

D. PEDRO II

Terminada a rotica de assignatura da companhia lyrica da companhia lyrica desse theatro, apesar de todos os embarcos, entrou em ensaios a nova opera o *Escravo* do maestro brasileiro Carlos Gomes, composta na Italia — a patria artistica desse grande talento musical — e inspirados factos da escravidão do nosso paiz.

Na opinião de Cardinali — tenor excellent e primeira figura da companhia lyrica Musella — a opera o *Escravo* é de primeira ordem, destacando-se entretanto o primeiro e o quarto acto acto pelas bellezas extraordinarias da composição.

Como sabem todos Carlos Gomes não é filiado a nenhuma das novas escolas musicas, sendo que ao contrario, na escola sentimental do harmonioso Donizetti, elle allatou todas as produções sentimentaes do seu temperamento de americano altamente artistico.

No dia em que escrevemos o *Escravo* não foi ainda á scena. Mas temos reaes motivos para crer que a nova opera offertada pelo autor a princeza brasileira D. Isabel — vai levantar enthusiasmada a platéa do theatro D. Pedro II, agitada por uma tempestade de applausos delirantes.

A posição de franco auxilio assumida pela familia imperial, organisando concertos, auxiliando com os seus recursos de dinheiro o maestro brasileiro na montagem de sua peça, deixam bem patentes dois factos — o merito elevado do compositor illustre e os sentimentos generosos da augusta familia reinante, sempre prompta a animar com o seu impulso benefico as artes nascentes no Brazil.

Espera-se que o *Escrevo* suba á scena a 28 do corrente. Hoje são 25 ainda. Só em o nosso proximo numero, pois, poderemos dizer alguma cousa de positivo sobre a opera do grande artista americano.

#### RECREIO DRAMATICO

No Recreio Dramatico voltou o *Bendegó* á scena afim de ser coroado.

Ha peças theatraes, que parecem não cabir mais: o *Bendegó*, que todos supunham sepultado, apparece de novo com vigor phonomenal, ornado com uma parte brilhantemente arranjada, que tem maravilhadas verbas o publico.

Enchentes repetidas.

#### S. PEDRO

Sob a direcção da talentosa artista dramatica Emilia Adelaide, graças á sua dedicação e á sua coragem, illustra actualmente a rampa do S. Pedro uma companhia exclusivamente dramatica, unica que trabalha com regularidade no Rio de Janeiro.

O theatro que, como todas as artes, tem as suas phases evolutivas, atravessa uma actualmente deveras dolorosa para o drama Sepultada a tragedia, arrancada hoje apenas do seu silencio por algum artista genial e arrastada á luz das gambiarras como um fossil, que vem coroado de gloriosas tradições, abre-se lentamente a cova para o drama, que de dia a dia empalidece, abandonado pelo applauso publico, elle o triumphador, que até pouco tempo ainda conseguia arrancar lagrimas e soluços da platá agitada pela paixão, que o actor personificava na scena.

A humanidade agora quer rir. A vida vai se tomando muito dura, o trabalho é longo, o coração sangra o dia inteiro nas torturas da lucta pela vida para que possa um homem ainda ir chorar á noite no theatro. O povo quer rir, nas suas *soirées*, quer esquecer por algumas horas as dores passadas e as novas, que o esperam; precisa de um outro espectáculo para os olhos e alguma cousa da doce, que lhe apague por instantes dos labios o acre sabor das amarguras da vida.

Hoje todos querem a comedia e o *vau-deville*. Esse facto é tão sensivel, mesmo entre nós, que o Recreio Dramatico, ultima cidadella de resistencia para o drama, antes da reabertura do S. Pedro, teve que render-se á moda e introduzir a revista, a cançoneta, a comedia, que faz rir, e desopilla o fígado, engorgitado de bilis, do publico.

Entretanto Emilia Adelaide, com um nome glorioso e feito no paleo dramatico, como que invocando o esplendor de todos os seus triumphos passados, ousada e tenaz, consegue manter ainda uma empresa puramente dramatica, fazendo ainda com que triumphem á custa de seus esforços dramaticos brilhantes como *Joanna Fortier*, *Morgadinha de Val Flor*, *Mysterios*

*da India*, *Dr. Rameau*, que ainda illuminam a scena.

Como ha ainda uma não pequena parte do publico que conserva o gosto pelo drama de paixão, a lição de moral, a historia da vida, applaudindo a energia da actriz Emilia Adelaide — nós admiradores do seu talento — asseguramos ainda uma carreira prospera á sua companhia, onde se encontram tantos artistas dedicados e de talento.

#### LUCINDA

No Lucinda continua, com as casas cheias e gaudío geral, a desfilr o seu rosario de bellas operetas a companhia de zarzuelas, onde a Sra. Plá, artista sympathizada, de muito talento e bella voz, faz as delicias dos espectadores.

A melhor qualidade desta companhia é o *ensemble*, difficil de obter em uma companhia numerosa, mas que foi conseguido pela direcção artistica, que presidiu á sua organização.

Seu apparatus, sem reclamo prévio, a zarzuela conseguiu atrahir espectadores e consolidar uma platá a custa dos proprios esforços e merito verdadeiro.

#### SANT'ANNA

No Sant'Anna tem feito sempre successo com enchentes repetidas a *Oriographia*, o *Alika-kao*, *Cadix*, *Escola de Maridos*, de Molière e tantas outras peças ao paladar do publico, que o Heller conhece deveras.

Está annunciada agora a reprise de *Boccacio*, em que reaparecerá a estimada cantora Rose Meryss, a algum tempo affastada do theatro.

#### THEATRO VARIEDADES

No Variedades Dramaticas depois de esgotar a *Frotymack*, com um numero enorme de representações aqui e em S. Paulo, depois dos triumphos da *Delorme*, o barão de Macuco, digo, Guilherme da Silveira, arranjou o *Cabo da Caçarola*, com que elle é capaz de dar cabo do dinheiro do publico.

Grande empresario o Guilherme!

#### ELDORADO

O Eldorado, café-concerto no genero parisiense, apesar do inverno, vai tendo casas regulares e firmando a sua platá de verão.

Dentra o pessoal, que é muito bom, comparado com o dos *cafés-concerts* da Europa, devemos destacar por espirito de justiça a Sra. Lydia Perly, cantora de genero, que diz admiravelmente e arranca applausos da platá em as suas cançonetas deliciosas, cantadas com arte, expressão e vida.

Tem obtido tambem as suas palmas a Sra. Chevalier, no genero ligero, a Sra. Duga, lyrica delicada de bellissimos agudos e o Sr. Stefani, bailarino-cantor, que maravilha os espectadores com as suas dansas variadas, de diversos paizes, onde elle revela rara educação physica da arte de Terpsichore.

Além disso... nada mais por enquanto.

GHAST

## MUNDO ELEGANTE



Resumindo: — O mundo elegante desta quinzena só tem um facto importante a registrar: a franca e benevola convalescência da Exma. Sra. Baroneza de Mamanguape.

S. Exa. deve o seu restabelecimento sem duvida alguma ao notabilissimo clinico o Dr. Martins Rocha.

Hoje, que a talentosa poetisa, convalescentes, se acha em companhia de seus estremosos filhos n'um arrabalde da Corte, considerada livre do perigo e no começo do seu restabelecimento, já podemos endereçar-lhe as nossas sinceras e respeitadas manifestações de alegria, e os parabens prometidos no ultimo numero do *Archivo* á sua excellentissima e nobre familia.

SATANICO.

## LITTERATURA



Uma lição de generosidade

Não havia meio de os reconciliar. O Tigre, um latagão todo negro, cabeça enorme, olhar intelligente e ativo, não podia ver o Janota, um pequeno toté todo branco, olhar humilde, typo ingenuo, mas levadinho da breca e perdido do mimo que lhe dava Bébé.

Almoçava bofes, jantava finos manjares, enquanto o bravo Tigre, um heróe que guardava o rebanho desveladamente, arrostando com o frio cortante das madrugadas do inverno, e com a calma suffocante dos dias estivaes, lá ia afocinhando as negras ovelas do negro pão de cevada á mistura com uns talos de couve revolucionada contra a fervura, e rivalisando em dureza com os troncos daquelle carvalho lá de cima, muito acima na montanha, a cuja sombra o guarda fiel passava horas e horas pensando no desequilibrio da felicidade canina.

Uma noite o tigre recolhera mal humorado. Foi o caso que uma grande loba lhe furtara um cabritinho, e desatou-se a correr serra acima que nem pedreiras nem precipicios lhe tinham mão. O Tigre não esteve a pensar no que havia de fazer; saltou por ali fóra, e cerca d'aqui salta d'acolá,

ora tomando a dianteira á inimiga, ora esparando-a de surpresa, zás... atrai-se á ladra e obriga-a a largar a innocente preza.

Mas que enorme combate! Dois atletas! A loba forcejava por agarrar nos dentes o pescopo do adversario porém este, adestrado e intelligente, furtava-lhe o corpo e mordialhe methodicamente. Afinal quem succumbiu foi a ferva, e o Tigre, glorioso qual general que vence uma batalha decisiva da sorte de um paiz, desceu tranquilamente a Serra acompanhando o cabritinho que chorava ainda com o terror do perigo.

Chegando ao pé do gado o Tigre descansou. Coitado! A tarde nublada, semelhante a um véu de luto estendido ao longo de um chrystal azul, accendia na crypta dos arvores uma chuva miudinha como lagrimas de creança enferma.

O sol dizia um adeus melancolico ao horizon-te, sem volver aos campos um olhar de ternura.

Havia um vago sofrimento na alma da natureza, que se reflectia no coração dos animaes, os quaes se agrupavam assustados á maneira das caravanas ao percorrerem os desertos tempestuosos.

E ao fundo, lá muito abaixo na base da montanha, o ruído monotonico das azenhas similhava a psalmodia das aguas religiosamente arrastadas aos pés de um diva gigantesca.

O Tigre absorveu-se a contemplar o quadro. As meias tintas da tela foram-lhe lentamente cahindo no coração, e quem bem de perto lhe fitasse os olhos ver-lhe-hia uma lagrima desprender se silenciosa, e ir, abraçada ás lagrimas da natureza, rolando de escombro em escombro até misturar-se na symphonia das aguas que iam valle fóra, levar os seus fios de perolas ao grande colosso suzerano — o mar.

O Tigre tinha frio, e um appetite digno de um príncipe.

Enfim o pastor chamou o gado, e elle, coitado, de cabeça baixa e nervosamente affectado, seguiu os seus protegidos até a casa do amo. Entrou na cozinha depois de deixar o rebanho acomodado. Um bom lume ardia no lar e o Janota lá estava ao collo de Bébé que lhe dava bolos.

Era demais! Uma provocação em fórma! O Tigre não quiz ceiar; estava cheio de indignação e tinha, por honra da firma, de tirar desforço contiguo.

Esperou. A occasião não se fez tardar. Janota saltou do collo de Bébé e foi metter o nariz no caldo destinado á ceia do proletario Tigre. Este exultou!

Não rosnou, não fez alarde, mas atirou-se ao Janota e deu-lhe uma tosa valente.

Bébé quiz bater no bruto, porém a mamã prohibiu-lh'o em nome da dignidade offendida do amigo leal. E quando o pastor contou a valentia com que elle se houvera n'aquella tarde, Bébé correu a abraçá-lo com os seus bracinhos de jaspe e deu-lhe bolos.

Tigre beijou com gratissima ternura as miolinhas do roseo anjo, mas regeitou os bolos com o orgulho de um luctador gigante a quem offerecessem um confeito.

E retirou-se para junto do rebanho lançando ao Janota, que se lamentava, um olhar de soberano desprezo.

— Ai-d'el-rei! ai-d'el-rei!

Uma desordem medonha na feira! Ninguem se entendia no meio de tamanha balburdia, e cada qual buscava fugir á sarraivada de pauladas que se distribuiam no arraial a esmo.

Nesta confusão o Janota partiu a fugir e encontrou-se de frente com o Tigre, que andava a passeiar, porque o gado viera cedo n'aquelle dia de festa. Mão encontro!

No entanto o Tigre affastou-se cortezmente e disposto a não perturbar a tranquillidade publica, como o estavam fazendo os entes pensadores.

O Janota, porém, embriagado pela lucta que presenciava, e vendo-se muito crescido na sombra que produzia no sólo, sentiu lá por dentro umas cogegas de vaidade promotora dos grandes heroismos e dos monumentaes ridiculos.

Deixou passar o Tigre, e zás, ataca-o pela rectaguarda. O nobre rafeiro voltou desdenhosamente a cabeça, e agarrando o desgraçado cósito pelo pescopo, teve-o um instante suspenso, todo tremulo e repezo da audacia. Depois deitou-o ao chão, e collocando-lhe sobre o peito uma das valentes patas, olhou-o com supremo desdem, que significava:

— Podia aqui esmagar-te, miseravel pelintra, mas não quero manchar a minha gloriosa historia arrebatando um vil traidor!

E retirou-se com altivez. Janota deitou a fugir tomado de terror. Mas apenas deu alguns passos cai-lhe em cima um péo ferrado e um chuveiro de pragas. Tinha-se embaraçado nas pernas de um valentão que se jactava de varrer as feiras e os feirantes a caceta.

Janota uivou desesperadamente mas o desalmado brigão continuava a maltratar-o sem piedade. De repente, porém, soltou um grito de dor e largou o pau. O Tigre presenciára o perigo em que estava o Janota e acabava de salvá-lo, castigando asperamente o espancador brutal.

O cósito gemia lamentosamente, porém o valente rafeiro acoercendo-se d'elle, que ainda tremia de medo, affogou-o, amimou-o e lá o resolveu a ir para casa, para onde o acompanhou como protector destemido.

N'este instante gritos terrivelmente affictos partiram do arraial... Um homem cahira mortalmente ferido... pelo seu semelhante!

Os dois animaes viram ainda passar em atropello a multidão e a autoridade acompanhando o morto que escorria sangue. E o Tigre, grave e pensativo, ergue os olhos loalissimos ao poel que scadua nas estradas a sua fina poeira de fogo e disse mentalmente:

— Como eu seria desprezível se fosse bipedo e me chamassen homem!...

CASTRO SOROMENHO.

O Hereje

(GOMES LEAL)

Senhora

..... eu nunca insulto as testas coronadas para agradar da plebe ás massas rebolladas, eu inactuo ao odio a tra popular!

Não, nunca insultarei uma mulher e um lar, o nome d'uma esposa, o nome d'uma Mãe, para o arrojá-lo ao charco, á cobera, ao desdem, á vaza da viella e ao segredo das palçadas!

Tambem os plebeus tem sublimes corações. Tambem conhece a plebe as santas regalías, que tem uma mulher ás dozes sympathias por ser filha de herodes, busa, justa e prudente. Tambem a Plebe sabe, a rude Plebe sente ter respeito, como eu, á esposa, á crancinha, — e o diadema da Mãe maior que o da Rainha!

Nunca vos insultei!... Não!... nunca um poeta, nunca houve uma alma forte, energica, repleta das cousas idéas e fortes, gloriosas, que aspiram para o Sol — mas da plebe e das rasas! Não, nunca houve um poeta, ou que o mereça ser, que arrastasse na lama um nome de Mulher!

Eu fingi-me, Senhora, um crime negrigado, e marquei-o no hombro assim como um forçado, que quedam com um ferro, exposto ao pelourinho. Pez-se em torço de mim, Senhora um burburinho de palmas, sandações, de gritos, d'ameaças, como nas sedições que regem pelas praças, e fazem desmanchar o somno dos monarchas. Menstraram as frentes os velhos patriarchas, régulos da opinião, nobres e senadores, e estas bilres, Senhora, estas calumniosas, com ferozes corações assim como os chellos, mostraram pelo throno os seus gothicos telos, e cheios de terror gritaram nas orgias que se havia empesido o globo de Aereas! Eu, Senhora, bom sei que n'esta tempo ergolista vendo a balança a Lei e a penna e jorralista. Eu bem sei que a missão torpe das camarilhas é dobrar os joelhos a hum vender a filha. Bem sei que altos barões sentem dover bojar-vos na frente a régia mão, e atraz caluniar vos! Portanto, a sua voz não tem autoridade.

Mas eu fallo em teu nome, — ó lucida Verdade em teu herotico nome, intrépida e sagrada — tu que fagisto ao mundo e á sagrada carnagem, á mentira, á violencia, á inicta, ao destruo. — Tu, que a musa pagã lançou dentro d'um poço! Sim eu fallo em teu nome! Alcançam de heresia a immaculada idéa, a mystica Utopia, que rebenta qual flor n'um cráneo visionario! Chamam hereje ao ente altivo ou extraordinario, que cheio do ideal das ferreas cousas bellas, tem suas almas que faz vingans nas estrellas, e ao descer do seu monte, — ao mundo sem respeito, — vaza de lado a lado e olha do Preconceito! Todas as cousas vis que as humanas sentem baixo, e vão romando sua qual scordido riacho, todas as cousas ías, viris, ou verdadeiras, toda a flor ideal que cresce nas ladeiras das montanhas arnos, extracticas, e virgens, nas alticunções do so-lo e das vertigens, todas essas visões e flores arriscadas, que abalam todo o céu das cousas consagradas, e os idolos de pau das seligies extranhas, que em vez de corações tem telas d'aranhas, todas as cousas vias, chonricas e bojeritas, que o hereje chama vis e o mundo chama bellas, todo a Verdade e o Mal que os mais sabem calar elle dil-as bem alto — ao Christo, ao Throno, ao Altar.

Todas as cousas pois que nos sublims cansam risos: mas que vão d'uma vez meter as Prejuzicos, que vão aniquilar os idolos despoitados em lixo, em nada, um pé, ruir os Preconceitos plebeus, civis, moraes, mysticos, religiosos, e apontal-os ao mundo — ignobis, corruptos; logo que se ergue ao ar a ponta da baliza, algum manto real, — toda a cousa divina beijada com ardor dos labios, consagrada, e se arrojá esse trape á publica risada, faz-se logo um redor um panico, e almas frias chamam a cousas ías — Aereas Aereas!

E por isso que eu sou, Senhora, perseguido. E por isso que não do vosso combatido. E por isso que não, excepcional successo! contra mim apontar a arma d'um processo. Fur isso emfim ao rei os auticos da orgia supplicam para mim ás palhas da exortiva, e calvos senhores, postigos monarchistas, risíveis charlatães, especie de dentistas, reles como trufes, pulhas como arlequins, dos quos conheço a vida e os depressíveis fins, fazendo interjeções e artigos empalhados, reclamam para mim o occillo dos forçados.

Nas cããs eu direi as cousas mais tremendas. Eu souo tithural as ignorancias senadas, e os carretos por onde idala ninguem tribuo, São um trufes fatuas, um riltos que eu sei, são, como os trufes faz Rembrandt piator fustrio, com um luar funesto, e a posta do mysteric!

Senhora, vos vivais n'um século fatal!...

O nozo século é — um século original — cheio d'agitações, de gritos convulsivos, de apostrophas cruas, de risas afflictivas, de celera, explosões, arbilhoar de palcos, de blasphemias de Odio, ancias e ais convulsos. Vós não o conheceis! Vossos régios ouvidos não tem chegado a ouvir sequer esses ruidos da tormenta que vos nas nevans engrossando, a, a pouco e pouco, e monta e e val amortalhando.

Os bilres malandrin's que obssam cortezcos, que vivem junto a vós beijando as régias mãos, só fallando uma surrada, em balles, em capadas, ehi não vos contam nunca as lendas negrigadas, que tornam duro nos reis o manto sobre os hombros, e todo o globo afunda em parios e assemores. Estes casos fatuos deviam, sim, costal-o, a vós que reis os reis, os peridos vasallios

porque estes é que não—ruídos e kerolico zélo—  
—e que agudiar os reis é o mesmo que perdê-lo!

Ouvi, Senhora, ouvi!—Em tempo bem estranho  
é este em que vivia. Com Jesus, e lombo,  
que elle leva a suar com cinto ao seu calvario,  
já todo escurece em sangue em cima de seducto!  
Sentam-se rezar nos thronos os machados;  
Kalm na rua os reis na luma apunhalada.  
E nestas ancia ynas, destrayço, desatinos,  
—oh terror! tem razão tambem os assassinos!

Sim, a Bessia, direis, é terra monstruosa,  
Mas a Italia tambem, a Italia dolorosa.  
Vosso anilado cor, o pallido estrepitosa,  
vê luzê stravez nos haço de rosas  
e olho do assassino e a lingua dos pombas.  
E que este seculo é um seculo que accin,  
que destroz a que nega, amputa e dol semina.  
E que este tempo omnia, vago, obscuro, disforme,  
cheio de negações, ali tressendo dorme  
um trabalhado man, horroco pesado,  
Ninguem vê-o pintón. Lá vou-vo descrevel-o.

N'entre tempo, Senhora, em tempos fabulosos  
antigos mimas dos bicos judiciosos  
deixavam declinar as luctas judicias,  
que escutavam a plebe, os reis, as divindades.  
O apolo moral fazia mais effeito  
que o barbaço latin. Calava pelo peito.  
—E escutavam os reis a voz dos infelizes  
na voz dos unimes, da arvore, das rizes.

Assim taõ direi, sem que o mundo estalte  
no arroj a accusação de que a rainha insulto.  
Tambem, Senhora, vou seguir a mesma senda.  
D'este seculo estranho ouvi pois a legenda:

#### LEGENDA DA NEGAÇÃO

Ora isto succedem em eras já passadas,  
n'uma cidade velha e grande—á beira mar...  
com ricas cathedraes de pedra rectilindas,  
palacios, templos, casa, e furens levantadas,  
em que o vento fazia os mortos baluças.

A cidade era enorme, infame, de-humana,  
terrible como a Herie e o lucto d'um destreço.  
R, ante a espada da Lei despucica e tyranna,  
sentia-se ali mal a Consciencia Humana  
como ao fundo frio e funebre d'um poço.

Do palacio real em frezê as gelusias  
a Forca erguia no ar seus braços nunca oxutos!  
E altas horas, mui tarde, em quanto nas folias,  
se dançava no paço aos nivos das orgias,  
torcia a Forca ao vento os seus malditos fructos.

Mas ao lado da Forca, antithese frisante!  
assentando os Côns, os Tempes, o Porvir...  
na grã cathedra hieratica e brilhante,  
um diabo de pedra, ironim a gigante,  
olhava as Gerações continuamente a rir.

Passavam-lhe por baixo as vis aventureiras  
das borpes Capitanz aonde o Vicio medra...  
entoras, procces com musicas guerreras,  
ruídos batalhões com trómulas bandeiras,  
e sempre em cima ria o Satanaz de pedra.

Mas o medo papal e o régio despotismo  
faziam aterror e debmizar a cor.  
E a Forca e mais a Cruz, caladas como o abismo,  
lançavam sobre a alma um negro magnetismo,  
e ostendiam na plebe as axas de terro.

Destillavam á noite, em lugubres theorias,  
fontes preciosas de lazes dos archotes:  
Exam autos de fé, e no vento das orgias,  
juntavam-se ás canções e aos psalmes d'agonias  
os rugidos de morte e os silvos dos chicotes.

Purpassavam em baixos cantos das viollas,  
assasinos, ladrões aonde o Vicio medra...  
mendigos ostendendo os braços ás escollas,  
esterros, procces, e padre com estellas,  
E sempre em cima ria o Satanaz de pedra.

Com seus Santos-de-pedra, os Virgens, os Ascetas  
e Igreja erguia e cima ás Couzas inditas.  
E os passaros batendo as asas inquietas  
vinham das nuvens ler os livros dos Prophetas.  
Boçavam os pardas as borlas dos Ermitas.

Passavam cardenes nas purpuras sagradas,  
ramos de viola su que a miseria medra...  
menges lendo missas, palpebras semi-cerradas,  
valetes, aldeões, berlindas, cavalgadas,  
E sempre em cima ria o Satanaz de pedra.

Mas, apenas o sol morria nas collinas,  
a Cidade era igual a uma cidade morta.  
Recessavam os ais e as multidões nas minas,  
e viam-se, através das trevas assasinas,  
magros homens fatios arrar de porta em porta

Dobrabos a serria ás ameaças ermas  
do negro cadafalso e envenenado papal,  
os povos, com terror das mil espadas tuas  
do Palacio—arrastando as barbas pelas ruas—  
prostravam-se ante a Forca, o Payo, a Cathedra.

Ora, hoveu um homem nã no tragico Cidade  
que mais alto clamou a aquella illuminação  
que a lanterna accendia na amarga escuridão,  
e á luz d'ella prigio a Nova Humanidade,  
Nova Cóm, Nova Terra, e Nova Religião.

Na fanebre Cidade os povos aterrados  
tomaram-lhe um pavor secreto e repentino.  
Olhavam-o ao passar nas ruas assombradas,  
Fazavam para o vár os alvos estrepitos,  
Vinham a porta as mãos laudo e luto fino.

Como o nocturno Fausto, através os pergaminhos  
do estado, a estreita cella, o campo, as couzas manasas,  
Sorria ás cathedras heraticas e aos nichos,  
parando no pé do sul, na curva dos caminhos,  
para affogar, calado, as frentes das eteancas.

Demandava o silencio, a sombra, o cemiterio,  
os attidos á luz, e a terra ultimante.  
Mas, no verno passar seu vito negro e sério,  
tremiam aldeões do frio do mysterio,  
como em Pieronã as nuves quando passava o Dente.

Pelas noites sem luz que o céu está desolado  
como a larga extenção do calido deserto,  
grave, sério, quieto, extantico, calado,  
a fronte sobre as nuños, e a lampada a seu lado,  
finea o Herieo a ler sobre o seu livro aberto.

Mas, deixando uma noite a cella e os pergaminhos,  
só, calado, a scismar, nas serras dongrubas,  
através dos tojos, dos cardos, dos espinhos,  
chegou o Herieo a um tilho entre quatro caminhos,  
aonde erravam, sem tecto, a lua, os parreidias.

Todos eram fútes, rebeldes infelizes,  
varridos dos tuños da sorte e dos labouas...  
errando sempre a montu, entre luvras e rizes,  
fugidos das prisões de todos os paizes,  
sem conhecerem Luz, Família, Tecto ou Deus.

E então o Herieo viu esses, que a Sociedade  
para sempre do scio aviro repelliu.  
E, sentindo no peito o darão da piedade,  
através dos tojos, da luz á claridade,  
de rastos se estendeu—Ora eis o que elle viu:

(Continua.)

#### Só por ti...

A' MINHA IDOLATRADA ALMA

Se a luz dos teus olhares me reanima  
Dando-me gozos, que jamais senti;  
Se és a minha esperanza mais querida  
Heide perder-te? Não! Se o amor é vida  
Quero viver por ti.

Se tenho dores cruéis que dilaceram  
Não as sinto, que pra soffrer nasci!...  
Abraço a minha cruz, busco o tormento,  
E, embora me domine o desalento,  
Quero soffrer por ti.

Não estranho os espinhos da desdita  
Porque sempre em espinhos me feri  
E atoda heide trilhar outros abrothos,  
Se mais pranto vier turvar meus olhos,  
Quero chorar por ti.

Só pelo teu affecto esqueço os entes  
Que mais amei na terra e que perdi.  
E' destino? E alguém lhe foge á sorte?  
Eu a bendigo pois se o amor é morte,  
Quero morrer por ti.

Setembro — 88.

SILVIO.

## ACTOS E FACTOS

### O duello Mallet-Bilac

ACTA N. 1



Anno do Nas-  
cimento de N. S.  
J. C. aos 20 do  
mez do Setembro  
de 1889, pelas  
duas horas da  
tarde na casa da  
rua do Carmo  
n. 65, segundo  
andar, encontra-  
ram-se os Exms.  
Srs. José Aug-  
usto Vinhaes,

jornalista e official de marinha, morador  
na rua do Senador Bernardo de Vasconcel-  
los n. 124, e Orosimbo Muniz Barreto, ofi-  
cial de marinha reformado e negociante,  
morador na rua de S. Clemente n. 94, e os  
Exms. Srs. Castro Soromenho, redactor do  
*Archivo Contemporaneo Illustrado*,  
morador na rua do Carmo n. 65, e Emma-  
nuel Carneiro, redactor d'*O Diz*, morador  
na rua do Visconde de Maranguape n. 11,  
os principaes representantes do Exm.  
Sr. Dr. Pardal Mallet e os segundos repre-  
sentantes do Sr. Olavo Bilac.

Por parte dos primeiros foi declarado:  
1º Que achando-se offendido em sua  
honra e brio o seu ailhado o Dr. Pardal  
Mallet, pelo Exm. Sr. Olavo Bilac, desde  
o dia 17 do corrente mez pelas 8 horas da  
tarde no restaurant Paschoal, vinham pedir  
aos segundos cavalheiros uma reparação  
honrosa e digna a qual devia ser dada pelo  
Exm. Sr. Olavo Bilac.

2º Que na qualidade do offendido o Sr.  
Dr. Pardal Mallet, tinha como é de praxe,  
o direito da escolha das armas, de hora e  
de terreno, o qual não aceitava outra re-  
paração senão a das armas.

Acceptas pelas representantes do Exm.  
Sr. Olavo Bilac, as condições exaradas e  
recusando-se o mesmo senhor a dar outras  
explicações e satisfações honrosas, mais  
que não fossem o encontro pelas armas,  
aguardavam as condições impostas pelos  
padrinhos do Exm. adversario do seu comi-  
tente.

Resolven-se pois de commun accordo o  
seguinte:

1º Que o encontro se realisaria a fiorete.  
2º Que cessaria logo que um dos com-  
batentes fosse ferido e apparecesse o pri-  
meiro sangue.

3º Que o encontro teria logar ás 4 horas  
da manhã do dia 21 do corrente.

4º Que ás 9 horas da tarde se marcaria  
o local.

Passada em duplicata a presente acta,  
vai assignada pelos 4 cavalheiros e en-  
tre-gues aos Exms. adversarios.

Por parte do Exm. Sr. Dr. Pardal Mal-  
let: José Augusto Vinhaes—Orosimbo  
Muniz Barreto.

Por parte do Exm. Sr. Olavo Bilac:  
Emanuel Carneiro—Castro Sorome-  
nho.

ACTA N. 2

No anno do Nascimento de N. S. J. C.  
aos 20 dias do mez de Setembro de 1889,

na casa n. 65 da rua do Carmo, teve lugar a segunda conferencia, entre os Exms. Srs. José Augusto Vinhaes, official da armada, e jornalista, e morador na rua do Senador Diogo de Vasconcellos n. 194 e Orozimbo Muniz Barreto, official da armada reformado e negociante, morador na rua de S. Clemente n. 94, como representantes do Exm. Sr. Dr. Pardal Mallet, e Castro Soromenho, redactor do *Archivo*, morador na rua do Carmo n. 65, e Emmanuel Carneiro, redactor d'*O Dia*, morador na rua do Barão de Maranguape n. 11, representantes do Exm. Sr. Olavo Bilac, na qual se decidiu o seguinte:

1º Que o encontro d'armas a que se fez referencia e combinou-se na acta n. 1, teria lugar ao alvorecer entre ás 4 e 5 horas da madrugada de 21 do corrente;

2º Que o local destinado seria nas proximidades da Cojacobana;

E para constar e ser verdade passamos em duplicata esta acta, que por nós vai assignada e depois entregue aos Exms Srs. antagonistas.

Rio, 20 de Setembro de 1889.

Por parte do Exm. Sr. Dr. Pardal Mallet: José Augusto Vinhaes — Orozimbo Muniz Barreto.

Por parte do Exm. Sr. Olavo Bilac: Castro Soromenho — Emanuel Carneiro.

## ACTA N. 2

No mesmo anno mez e dia em seguida, e no mesmo local foi lavrada a 2ª acta se tirar a esta, ficando resolvido o seguinte:

1º Que dirigiria o combate o Exm. Sr. Castro Soromenho, testemunha do Exm. Sr. Olavo Bilac.

2º Que as armas usadas no encontro seriam as trazidas pelos Exms padrinhos do Exm. Sr. Dr. Pardal Mallet.

Para constar e ser verdade passamos a presente acta em duplicata e que será entregue aos Exms. adversarios.

Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1889.

Por parte do Exm. Sr. Dr. Pardal Mallet: José Augusto Vinhaes — Orozimbo Muniz Barreto

Por parte do Exm. Sr. Olavo Bilac: Emanuel Carneiro — Castro Soromenho.

## ACTA N. 4

No anno do nascimento de N. S. J. C. aos 21 dias do mez de Setembro de 1889, na casa n. 65, á rua do Carmo, effectou-se se a 4ª reunião, achando-se presentes os Srs. José Augusto Vinhaes, official de marinha e jornalista, residente á rua Senador de Vasconcellos n. 194 e Orozimbo Muniz Barreto, official de marinha reformado, morador á rua de S. Clemente n. 94, como representantes do Sr. Dr. Pardal Mallet; Castro Soromenho redactor do *Archivo Contemporaneo*, morador á rua do Carmo n. 65 e Emmanuel Carneiro redactor d'*O Dia*, residente á rua do Visconde de Maranguape n. 11. Como ficara estatuido na acta n. 2, ás 3 1/2 horas (tres e meia horas) chegara á rua de S. Clemente em uma victoria o Sr. Dr. Pardal Mallet, acompanhado de um amigo.

Dous ou tres quarteiros antes do da casa n. 94, logar aprasado para a reunião, o Sr. Orozimbo Muniz Barreto, uma das testemunhas do mesmo Dr. Mallet, que aguardava a chegada dos contendores, fez

parar o carro afim de communicar ser materialmente impossivel effectuar-se o encontro no local aprasado, visto acharem-se dous agentes da policia postados á porta da referida casa n. 94. A's 3 horas menos 1 quarto chegara ao mesmo local em um tilbury o Sr. José Augusto Vinhaes, que, avisado do occorrido, foi de opinião que se devia ir aguardar os outros cavalheiros no principio da rua de S. Clemente, que diz com a praia de Botafogo, local por onde passam todos os bondes, sendo assim impossivel que não notassem em sua passagem os outros cavalheiros para previnil-os de que não seguissem adiante e combinar-seo novo local.

Acceito o convite seguiram todos para alli; onde ás 4 1/2 se lhes reuniu o Sr. Castro Soromenho, que se fizera transportar em um tilbury.

Perguntado sobre o seu cliente e a outra testemunha, respondeu que conjunctamente com o medico, vinham no bonde que sahira do Largo da Carioca, pouco depois d'elle ter d'alli partido. Que tinha-se assim resolvido para depistar a policia caso os seguisse.

Dez minutos depois chegava a praia de Botafogo um bond do Jardim (luz verde), procedente da cidade, n'elle não vieram os cavalheiros aguardados, seguiram-se dous outros com o mesmo resultado. Como já principiava a chover e notando-se que diversos curiosos paravam, observando o grupo de cavalheiros que em hora matutina alli estacionara, foi depois de rapida discussão e em plena annuencia do Sr. Castro Soromenho, resolvido que o encontro seria effectuado no Jardim Botânico.

Ficou mais resolvido que o amigo que o amigo que viera com o Sr. Dr. Pardal Mallet, permaneceria no mesmo lugar, afim de prevenir os cavalheiros em atraso da nova resolução.

Annuindo o amigo do Sr. Dr. Pardal Mallet ao pedido que se lhe fazia seguiram os outros para o Jardim indo no mesmo carro o Sr. Castro Soromenho.

Alli chegados e tendo-se procurado o lugar conveniente, foi destacado o Sr. Orozimbo Muniz Barreto, para em lugar afastado da entrada afim de evitar desconfianças, avisar nos que fossem chegando qual o local escolhido.

A's 6 1/2 horas sendo já dia claro, chegou em um tilbury o amigo do Dr. Pardal Mallet, que depois de hora e meia de espera na praia de Botafogo sem que durante esse tempo visse chegarem os cavalheiros aguardados, julgara conveniente vir diso fazer sciente ao seu amigo e companheiro.

Parecendo isto extraordinario, mesmo ao proprio Sr. Soromenho, pediu este cavalheiro o praso de uma hora e um quarto afim de ir averiguar do succedido. Vinte minutos antes do praso pedido, voltou o Sr. Soromenho declarando que encontrara o Sr. Emmanuel Carneiro e um facultativo dentro da chacara n. 94 da rua S. Clemente, que aquellos senhores lhe communicaram não se achar presente o Sr. Olavo Bilac, visto ter este cavalheiro ao sahir de casa sido seguido por policias secretas, julgando portanto de alta conveniencia desimular, a ver se conseguia escapar aos dous argos policiaes. Do mais que se dera ignorava o Sr. Soromenho, pedindo que se lavrasse nova acta ás 2 horas da tarde, tempo este necessario para informar-se do proprio boca do seu committente.

Por parte do Sr. Dr. Pardal Mallet: José Augusto Vinhaes. — Orozimbo Muniz Barreto.

Por parte do Sr. Olavo Bilac: Castro Soromenho.

## CONTINUAÇÃO Á ACTA N. 4

Reunidos ás 3 horas da madrugada do dia 21, no quarto n. 14 da casa n. 65 da rua do Carmo, os Exmos. Srs. Olavo Bilac, Castro Soromenho e Dr. Silva Santos, como cirurgião e tambem o narrador abaixo assignado, preparamo-nos para a partida para o local combinado para o encontro d'armas (rua de S. Clemente n. 94), entre os Srs. Olavo Bilac, nosso constituinte e o Sr. Dr. Pardal Mallet, constituinte dos Exmos. Srs. Orozimbo Barreto e José Augusto Vinhaes.

A's 4 horas menos dez minutos partio em um tilbury o Sr. Castro Soromenho, levando as armas. Logo em seguida partio o Sr. Olavo Bilac pela rur Sete de Setembro e o Dr. Silva Santos e o abaixo assignado pela rua do Ouvidor. No canto da rua de Gonçalves Dias, tomamos nós um bond para Botafogo. No largo da Carioca tomou o mesmo bond, mas em banco diferente o Sr. Olavo Bilac. Assim seguimos até quasi ao canto da rua de S. Clemente, onde nos apasmos, desceudo o Sr. Bilac á frente e seguindo por aquella rua e nós outros, juntos, conversando seguimos-lhe os passos a distancia. Na esquina da calçada alta, proximo a um kiosque que ha n'aquelle largo, reconheceu o Dr. Silva Santos e depois eu, o amigo do Dr. Pardal Mallet de cartola e olhando-nos com interesse. O Sr. Dr. Silva Santos, indicou-m'o baixo, achando eu prudente não nos darmos a conhecer n'aquelle ponto visto chamarmos dessa forma attenção d'elle para o que se ha passar e que devia ter o maior segredo. Chegando á casa n. 94 entramos na chacara. Era ainda madrugada e mal se destinávamos os objectos ficando o Sr. Bilac, junto ao segundo portão, penetramos nós, o doutor e eu, até ao fundo da chacara á procura das testemunhas do nosso adversario.

Nada encontramos; o Dr. Silva Santos de volta para a entrada bateu duas vezes á porta casa, não insistindo para não assustar a familia.

Começou clarear o dia; não consultamos o relógio, sorprendidos com ausencia dos outros, sendo de notar que era ainda tão densa a sombra do alvorecer que nenhum combate leal poderia ter lugar sem uma espera de 10 minutos.

Verificando que dous individuos duvidosos passeavam na calçada fronteira, aconselhamos ao Sr. Bilac que se recolhe-se para o fundo chacara, afim de não ser visto, ficando nós a conversar sobre o banco do jardim, á espera dos outros padrinhos e adversarios, que um incidente imprevisto podia ter retardado.

Clareou de todo o dia sem que ninguém apparecesse. Depois de cerca de 1 hora chegou de tilbury o Sr. Castro Soromenho, dizendo alto que nos esperaram no Jardim Botânico. Convidou-nos a que sahissemos fóra do jardim indagando alto pelo Sr. Olavo Bilac. Observados que estavamos pelos dous individuos duvidosos, attentos, dissemo-lhe alto tambem que o Sr. Bilac não estava, que desgarrara na Corte perseguido pela policia.

Retirou-se o Sr. Soromenho sem perceber o *truc*, tomando o tilbury e partindo para o jardim Botânico.

Saindo nós da chacara dirigimo-nos para a Praia de Botafogo, onde esperamos o Sr. Bilac, que seguindo-nos de longe se reuniu a nós e seguimos para a Corte. Desceu o Sr. Bilac no largo da Carioca, tomando a rua da Assembléa, na direcção da rua do Carmo e seguindo nós de bond, desecemos na rua do Ovidor, inda encontrar-nos com o Sr. Bilac na rua do Carmo n. 85, quarto n. 11.

Olvidou-me dizer que no momento em que o Sr. Soromenho se despediu de nós ao portão da casa n. 94 da rua de S. Clemente, pedi-lhe um lapis e escrevi o meu nome nas costas de um cartão do Dr. Santos, deitando-o por baixo da porta da mesma casa, afim de accusar a minha presença. O Sr. Soromenho partiu deixando em meu poder o lapis com que eu escrevi sobre o cartão e assistindo elle á introdução do cartão por baixo da porta do centro, dizendo elle n'essa occasião ou Dr. Silva Santos, que preferisse a porta central por ser aquella que tinha um lampeão proximo. O Sr. Soromenho communicou-nos na mesma occasião que o motivo que os levára á mudança de local de combate fora a perseguição da policia.

Por parte do Sr. Olavo Bilac: *Emanuel Carneiro*.

## ACTA N. 5

(Da desistencia das testemunhas)

Aos 22 de Setembro do anno de 1889, á 1 hora da tarde, reunidos os padrinhos de que tratam as actas supra, na casa n. 65 da rua do Carmo, quarto n. 14, lavramos a seguinte acta.

Esgotado o prazo legal para encargos taes de encontro d'armas, de volta do terreno destinado ao combate, embora não se houvesse este realiado, por circunstancias fortuitas, cabe aos abaixo assignados passar a seguinte acta de desistencia, que será entregue ao seu patrocinado, juntamente com a honra por elle confiada á guarda d'alles.

Não obstante não se ter realiado o duello nada de desairoso cabe a nenhum dos adversarios, sendo que, muito ao contrario, ambos deram prova de muita coragem e apreço á honra, comparecendo ambos ao local do combate, não obstante o desencontro explicado, que teve lugar. Cabe mencionar aqui o cavalherismo inexcédível e coragem a toda a prova que revelou o contendor do nosso constituinte, o Sr. Dr. Pardal Mallet, pela antecedencia da hora, serenidade e valor que revelou em presença de um dos signatarios deste, o Sr. Castro Soromenho.

## Considerando:

1º Que o comparecimento ao local combinado já é uma prova de alta coragem;  
2º Que essa prova foi dada pelo combatente adverso e pelo nosso patrocinado;  
3º Que o combate não se realizou em virtude da transferencia de local, sem aviso ao segundo padrinho do Sr. Olavo Bilac, o Sr. Emmanuel Carneiro;  
4º Que este compareceu acompanhando o seu afilhado, juntamente com o cirurgião, ao local combinado em acta ultima, á rua de S. Clemente n. 94, antes do alvorecer primeira hora do dia em que se pôde dar um combate.

5º Que o padrinho deixou, como representante do seu afilhado, na casa n. 94, em baixo de uma porta interior lateral um cartão do facultativo Dr. Silva Santos com

a sua firma nas costas do cartão; aldm das pegadas visiveis em torno do terreno humido da chacara, que elles percorreram e que destinaram em ultima acta a ser o lugar do duello.

6º Que não foi commetida de sua parte a minima irregularidade;

7º Que elle não podia comparecer em hora diversa e em um novo local sem accordo prévio entre todos os padrinhos e acta lavrada constando essa resolução;

O nosso constituinte continúa a manter a sua attitude hanrosa. Outro encontro d'armas deve ter lugar, podendo nós assegurar que o nosso constituinte está prompto a dar qualquer reparação pelas armas. Entendemos ser ella necessaria.

Findo o prazo de nessa incumbencia e nestas condições, desistimos nós da honrosa incumbencia que procuramos desempenhar com toda a prudencia e formalidades do estylo.

Honrados com a confiança do nosso afilhado restituimos-lhe illesa a integridade moral que d'elle recebemos, bem como 3 cartas fechadas e as actas de 1 a 5.

Por parte do Sr. Olavo Bilac: *Castro Soromenho — Emanuel Carneiro*.

## ACTA N. 6

« Aos vinte e quatro de setembro de 1889, na casa 143 da rua do Riachuelo, ás 4 horas da manhã, os abaixo assignados Olavo Bilac e Pardal Mallet resolvem bater-se em duello sem padrinhos nem presença de facultativos. São levados a isso pela impossibilidade de deixar irresolvido um ponto de dignidade em que se acham empenhados e pelas enormes difficuldades que tem havido para a realização de um encontro pelas armas, segundo a praxe dos paizes civilizados. Resolvem: 1º bater-se a *épée de combat*, como forá determinado pelos seus primeiros padrinhos; 2º bater-se ao primeiro sangue, como tambem forá combinado; 3º mandar verificar e attestar o ferimento por dois medicos. Terminado o combate, o Sr. Bilac reconhecerá *ipso facto* que o Sr. Mallet está perfettamente desagravado. E o Sr. Mallet reconhecerá que só motivos de força maior e independentes da vontade do Sr. Bilac, o impossibilitaram de comparecer no lugar do combate, á hora determinada para o encontro tentado a 21. Em caso de morte de um dos combatentes esta acta fará fé em juizo, attestando a lealdade e innocencia do seu adversario sobrevivente.

Rio, 24 de Setembro de 1889.

Tendo lido a presente acta, assignam.—  
*Olavo Bilac — Pardal Mallet*.

\*

E' nosso representante e correspondente litterario em S. Paulo o Exm. Sr. Dr. Bento Paes de Barros Filho, cavalheiro talentoso e oriundo de uma das familias mais distinctas daquella provincia.

E' devido com certeza aos esforços d'este gentil cavalheiro que o *Archivo* deve angariar sympathias do povo da Paulicéa. Agradecemos mais esta fineza ao delicado e amabilissimo moço, que nos tem prestado tantos obsequios.

\*

Retiramos d'este numero as secções *Bibliographia, Lar, Salla de Fumos e Sciencias*, devido isso á falta de espaço.

\*

A demora na sabida d'este numero é devida á perda de um retrato, havendo grande difficuldade de obter o segundo, que hoje damos á estampa.

\*

Representou-se no dia 27 pela primeira vez o *Escravo*, opera do maestro Carlos Gomes.

Não obteve o successo que era de esperar.

\*

Falleceu no dia 27 de Setembro em Lisboa, victima de uma lesão cardiaca, o Infante D. Augusto, Duque de Coimbra e condestavel do reino de Portugal.

A Família Real enviámos os nossos sinceros sentimentos, bem como ao exercito e povo portuguez, que perdem um dos filhos que mais os estimava.

\*

Acha-se tambem gravemente enfermo S. M. F. D. Luiz I. Recia-se bastante do seu estado, e espera-se, de um momento para outro, um desenlace fatal.

GRANT.



Ora, esta gente não tem que fazer! Se estivessem aqui em casa onde nós temos 69 empregados para dar jornaes e recibos aos assignantes, não nos fariam tantas perguntas.

Inda hoje recebemos uma carta; quando a vir, disse logo commigo: isto é algum empenho para obter o 6º numero do *Archivo*, porque — não sei se sabem — elles andam por encomenda; mas infelizmente me enganai; abro o envelope e dou com um velino perfumado em que Mlle. C. me perguntava se os *guaranys* assentam na tez morena.

Eu de esthetica pouco entendo, minha senhora, mas é sufficiente ter-se um gosto regular para immediatamente dizer que sim.

V. Ex. não imagina como eu fico outro, quando a vejo de *guaranys*; em todo o caso, si fosse possível andar sempre com aquelle *peignoir* margeado de rendas de rendas d'Alençon, tendo os cabellos soltos á *négligée*, como seria... melhor!

\*

Pergunta-nos um tisico se indo passar algum tempo ao campo, onde ha verduras, pôde ficar bom. Diz elle que se acha tão magro que está no *osso*.

Olhe, meu senhor, para a tisica só co-nhepo um remedio: é... morrer, mas para ficar gordo, é bom ir para o campo, se ha por lá *verdes* (salvo seja).

\*

Basta, já chega de amolação; a ir neste andar nem tenho tempo para tomar folego. Indo assim julgo ser o D. Canhão da *Orthographia* e os senhores os pontos de ??  
Livra! que espiga!

GRANT.

Editor responsavel Castro Soromenho